



MEMORiar, A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?

Regina Machado

Resumo

O arranjo de uma vida vai se fazendo no remodelar constante de descobertas, que vem da prática diária de uma intenção, da conversa com o que autores, pessoas (sobretudo crianças), plantas e objetos que contam sobre outras experiências de viver, pensar, intuir e sentir. Este relato fala sobre a experiência artística da autora, a Arte, primeiro, soberana, a cutucar desbocadas interrogações desde o início nas brincadeiras de menina e mais tarde em sustos e abismos de difícil entendimento. Não apenas a Arte da Palavra, mas o que imaginava da Arte como sendo velas acesas a sinalizar a luz no caminho da gente.

Palavras-chave: Arte. Palavra. Narrativas

is made in the constant remodeling of discoveries, which comes from the daily practice of an intention, from the conversation with which authors, people (especially children), plants and objects that tell about other experiences of living, thinking, intuiting and feel. This report talks about the author's artistic experience, the first, sovereign art, poking questions from the beginning in the girl's play and later in scares and chasms of difficult understanding. Not just the Art of the Word, but what he imagined of the Art as being lit candles to signal the light in the way of the people.

Keywords: Art. Word. Narratives

Acredito que a primeira vez que interoguei a paisagem das narrativas de tradição oral foi a propósito de um certo silêncio.

Eis a cena matriz que me convidou a atravessar um portal, entre muitos outros que vieram depois, alguns até hoje distantes.

Era o ano de 1977, eu dava aulas de Educação Artística em uma escola de São Paulo. Numa manhã tinha diante de mim uma turma de adolescentes ocupados em exercitar de modo barulhento sua sede de interrogar todos os mundos do mundo, sobretudo o porvir, muito pouco interessados, é claro, nos assuntos escolares. Talvez algumas pessoas que olhassem o que vi, chamariam aquilo de “um caos, uma incontrollável bagunça própria da idade”. Pontos de vista, sempre há muitos, não é mesmo?

O que fazer com o descabido planejamento para aquela aula? Respirei fundo e então ocorreu-me contar para eles a estória que se passa no conto *O Espelho* de Machado de Assis (1962). Não sem antes avisar que o que iriam escutar era a sequência narrativa como estava na minha memória, quase uma sinopse. Meu objetivo era que eles se interessassem por conhecer a obra de verdade, para que a lessem depois.

O conto trata de uma reunião de pessoas que estão filosofando sobre a natureza da alma humana. Eles falam e falam, argumentam e discutem. Entre eles há um homem que permanece calado. Depois de um tempo de conversa os outros pedem sua opinião sobre o assunto em questão. Ele lhes

conta uma história. Uma poderosa história, muito bem narrada, nem é preciso dizer.

Machado de Assis termina *O Espelho* (1962, p. 345), com essa frase: “ Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas”. Ao findar o relato desse conto a meus adolescentes percebi um silêncio denso e impressionante preenchendo o espaço da sala, que me deixou perplexa. O caos havia desaparecido.

Eu quis então saber: que qualidade é essa que se instala na situação narrativa oral, capaz de parar o tempo das circunstâncias, capaz de interromper a balbúrdia exterior daqueles adolescentes, convidando-os a mergulhar nas suas paisagens interiores?

Essa pergunta e todas as outras que lhe são consequentes me acompanham desde então, transformando-se ao longo do tempo ao sabor das pesquisas que faço como narradora de histórias.

Muitos anos depois dessa que recordo como a primeira cena - não foi certamente a primeira, mas podemos estabelecer assim para memoriar o início de um percurso-, contei *A página branca* de Karen Blixen (1993) , em que uma velha contadora de histórias diz para sua neta:

Quando o contador é fiel, eterna e incansavelmente fiel à história, é então que finalmente o silêncio começa a falar. Quando o conto é traído, o silêncio é vazio. Mas nós, os fiéis, quando tivermos dito nossa última palavra, nós escutamos a voz do silêncio.(...) Quem, então, conta uma história mais bela do que qualquer um de nós? O silêncio”.

O estudo da *Página Branca* me nutre de maravilhas até hoje. È dessas narrativas que visitamos muitas e muitas vezes por anos a fio. Me dá uma grande alegria perceber que depois de inúmeras leituras ainda salta da página, vez por outra, uma luminosa gema que eu não tinha notado. Como não havia visto isso antes? Pensando agora, não sei porque o espanto, já que a boa literatura, oral ou escrita, dispõe múltiplas camadas de palavras, da mais oculta à mais evidente, um dia finalmente dóceis a olhares atentos. Como o conto *Pirlimpsiquice* de João Guimarães Rosa (1988), por dentro do qual passeio há bem mais de trinta anos, que continua teimando em me surpreender. Por isso, tenho dificuldade de entender o fato de uma pessoa ler uma história algumas vezes e pensar que já está pronta para contá-la.

Há alguns anos encontrei um poema de Manoel de Barros (2010, p. 384), chamado *Ninguém*:

Falar a partir de ninguém faz
comunhão com as árvores
Faz comunhão com as aves
Faz comunhão com as chuvas
Falar a partir de ninguém faz
comunhão com os rios,
com os ventos, com o sol, com os
sapos
Falar a partir de ninguém
Faz comunhão com borra
Faz comunhão com os seres que
incidem por andrajos
Falar a partir de ninguém
Ensina a ver o sexo das nuvens
E ensina o sentido sonoro das
palavras
Falar a partir de ninguém
Faz comunhão com o começo do
verbo.

Pronto. Inspiração instantânea para investigar uma questão que apenas se delineava naquele momento, extremamente imbuída da pergunta sobre o silêncio, querendo expressar uma vontade de descobrir de onde vem minha voz de narradora, aquela voz mais de dentro, escondida, onde mora a intenção da sinceridade.

Exemplo para nortear esse pensamento: quando conto uma história e alguém me diz: “você é ótima contadora”, desconfio e no fundo percebo bem, que não havia sinceridade naquele modo de relatar. Se, por outro lado, escuto de um ouvinte: “gostei do conto que você narrou”, então imagino que de algum modo, minha ação de narradora estava em contato com isso que estou chamando de sinceridade. O que eu buscava inspirada pelo poema do Manoel de Barros (2010), era compreender melhor essa intenção que está sempre, que é sempre, à espera de ser acordada, rememorada. Pensei então que queria interrogar o silêncio da fonte dessa intenção e formei um buquê de contos que narrei em uma apresentação chamada justamente de “Ninguém”. Havia um desenho naquela apresentação, uma moldura narrativa que começava com um conto de Nasrudin em que ele se perdia de si mesmo. Para encontrar-se, seguia por caminhos escutando várias histórias e finalmente se encontrava na última delas:

Quem você pensa que é, perguntam os guardas do palácio do rei, para sentar-se sem nenhuma cerimônia no trono real? Por acaso é algum nobre?

- Não, sou maior do que um nobre, respondeu Nasrudin.

- É parente do rei?
- Não, sou maior do que qualquer um deles.
- Você por acaso pensa que é um rei?
- Não, sou maior do que o rei.
- Então pensa que é Deus?
- Não, sou maior do que Deus
- Quem você pensa que é, seu maluco?
- Eu sou ninguém porque ninguém é maior do que Deus.

A experiência de narrar aquele conjunto de histórias me trouxe outras perguntas, assim acho que segue a vida de qualquer pessoa. Na época escrevi: “Conto, talvez, para silenciar em mim e naqueles que me escutam, o barulho das ilusões e da hipocrisia”

Um pouco grandiloquente, me desculpem. Hoje me perdoo, sempre fui mesmo exagerada... Busco, cada vez mais, o suco espremido das palavras. A pompa e a circunstância, se é que servem para alguma coisa, precisam estar bem enraizadas para poder ter sentido de proeza linguística, para desafiar com propriedade a mesmice secular das frases de efeito.

No caso da minha própria história, a impressão que tenho é que fui seguindo intuitivamente um desenho que me pedia para ser desvendado, nunca soube muito bem porque e para que.

Acredito que todo mundo tenha uma qualidade essencial que pode se atualizar nos mais diferentes tipos de atuação. No entanto, a escola e os processos de socialização, como um todo, podem contribuir para afastar as pessoas dessa qualidade essencial que lhes é peculiar. Mas muita gente tem a oportunidade,

pelas mais diferentes razões, de atualizá-la. Creio ter recebido esse presente, ou sorte, seja lá como se chame, de poder atualizar uma qualidade que é a de observar o crescimento dos outros, buscando criar situações de aprendizagem onde eles possam encontrar-se no próprio de sua pessoa.

Parece que isso sempre se deu na minha vida por meio da Arte. Aos 12 anos, mais ou menos, enquanto as outras crianças brincavam de escolinha, eu brincava de “escolinha de arte” num cantinho da minha casa, reunindo as crianças da rua em meio a caixas de lápis de cor e giz de cera. Não sabia por que estava fazendo isso, mas fazia. Meu pai era um educador artista, minha mãe era uma professora de francês mergulhada na Literatura, então parece que tive um meio muito propício para o contato com os valores artísticos desde cedo.

Aos 17 anos queria fazer teatro, mas não queria fazer o que se concebia na época como teatro, queria viver a ação artística do teatro. Tentei entrar em Artes Cênicas na ECA-USP, mas não passei logo na primeira prova de conhecimentos gerais, que era eliminatória, eu não sabia nada de Getúlio...

Porém também havia prestado vestibular para Ciências Sociais e passei. Eu havia estudado no colegial em uma escola muito boa, tinha aulas fantásticas de Filosofia e História, e achei que precisava continuar estudando aquelas coisas, pois não poderia ser uma boa artista se não soubesse pensar.

Entrei nas Ciências Sociais e fiquei até o final do curso por causa da Antropologia,

que me fascinou desde o começo e me abriu para o conhecimento que precisava ter. Saudade das aulas da Ruth Cardoso Nesse primeiro ano da faculdade encontrei uma amiga que me recomendou um curso de “arte para crianças”. Eu não sabia o que era isso, mas acabei indo ver do que se tratava, sem muitas expectativas. Esse curso era na Escolinha de Arte São Paulo, recém criada pela Ana Mae Barbosa em 1968. Fiz esse curso durante seis meses e já comecei a trabalhar com a Ana Mae, no segundo semestre.

Fui aluna da Joana Lopes, e lá trabalhei com Madalena Freire, que nessa época tinha acabado de voltar da Alemanha. Eu era assistente nas aulas da Joana e da “Madá”. Foi o início de uma formação no Ensino e Aprendizado da Arte por causa dessas pessoas e porque continuei com a Ana Mae desde então. Tanto Ana Mae como seu marido, João Alexandre Barbosa sempre foram super generosos, não apenas comigo, mas com a grande quantidade de amigos e alunos que frequentavam a casa deles. João Alexandre foi um dos maiores contadores de histórias que conheci. Era uma experiência fascinante estar próxima a eles. Havia também as situações de vida pelas quais tinham passado, as experiências da ditadura, a experiência em Brasília, toda a história das Escolinhas de arte. Faz mais de 40 anos que acompanho Ana Mae e esse é sem dúvida um grande privilégio que não canso de agradecer.

Durante a graduação, fiz todas as disciplinas optativas nas outras faculdades da

USP, na Filosofia, na Letras, na Escola de Comunicações e Artes: Antropologia da Arte, Sociologia da Arte, Estética, (a professora de Estética era a Gilda de Mello e Sousa, mulher do Antônio Cândido., com quem tive aulas depois no último curso que ele deu na Pós Graduação, inesquecível). Sem contar o enorme privilégio de assistir às aulas de Paulo Freire, que Ana Mae havia convidado para um curso na ECA. Com oportunidades assim, acho que não seria mais do que minha obrigação seguir um caminho de retidão investigativa, sem nenhuma desculpa para não honrar o legado que deixaram não só para mim, mas também para uma geração inteira de estudantes.

Hoje, quando escrevo, ou quando converso com meus alunos, ressalto a importância de uma sólida formação em Ciências Humanas para um artista educador, porque isso propicia a experiência singular da construção de um pensamento sobre a Arte como fenômeno cultural, político, estético e psicológico, com toda a fecundidade que essa múltipla visão pode acarretar. Tenho esse lastro hoje por causa da formação em Ciências Humanas. Depois da Graduação, cheguei a iniciar uma Pós Graduação em Antropologia, mas acabei por abandoná-la, pois não era antropóloga e sabia que nunca seria. Mesmo assim, grande parte da minha fundamentação veio da Antropologia.

Comecei a dar aulas em faculdade aos 23 anos, na *Mozarteum*, onde os alunos, basicamente, eram professores de

conservatório que precisavam de um diploma universitário.

Depois, fui dar aulas na Licenciatura em Artes Plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado. Lá tive um grande campo de experimentação no trabalho de formação.

Continuando nessa vida de dar aula em vários lugares e faculdades, fui fazer um mestrado fora do Brasil, por indicação da Ana Mae. Ganhei uma bolsa da Fundação Fulbright, e estudei Theatre Education na Universidade de Nova York.

Para finalizar o Mestrado fui fazer um curso de verão na Inglaterra, no mês de agosto, no Bretton Hall College of Higher Education. Lá, contei como trabalho de final de curso, um dos contos do Canterbury Tales, de Chaucer. Foi o primeiro conto que contei para público na minha vida. Quase morri de vergonha. Eu treinava à beira de um lago e contava histórias pra ele. Depois perguntava se estava bom. Era meu único amigo. Vocês acham que se pode ter amigos na Inglaterra? O único amigo que eu tinha era aquele lago e conversava com ele.

Terminado o mestrado, recomencei a trabalhar com histórias, que de fato tinham me acompanhado nos últimos anos na forma de contos de autores, letras de música, peças de teatro e outros tipos de narrativas. Cheguei a montar Domingo no Parque de Gilberto Gil junto com meus alunos do terceiro colegial.

Ao voltar para o Brasil dirigi minha atenção, sobretudo para a tradição oral das culturas do mundo, para a cultura popular brasileira e fui atrás de tudo que pudesse

fundamentar a importância de trabalhar com as narrativas orais dentro de um programa de ensino e aprendizagem da arte. Mais para frente focalizei todo o trabalho na Arte da Palavra, em dois tipos de pesquisas: na pesquisa artística, comecei a investigar um repertório e um modo de narrar, maneiras de contar histórias como expressão contemporânea. Queria saber o que é narrar histórias hoje, para quem, quais recursos se utilizam, que princípios de formatividade são peculiares a essa Arte. Uma pesquisa artística, investigando meu próprio processo de experiência criadora. A outra pesquisa, concomitante, voltava-se para a formação de educadores artistas, que desenvolvi principalmente como professora da Universidade de São Paulo, mas também, como faço até hoje, em cursos, oficinas e encontros em muitos lugares do Brasil e de outros países.

Defendi então meu doutorado em 1989, mas já estava na USP desde 1984, como professora do Curso de Especialização em Arte e Educação, criado por Ana Mae Barbosa, fazendo essa pesquisa para estudar as funções dos contos de tradição oral na formação de arte educadores.

Nesse curso, era possível acompanhar os alunos durante um ano inteiro e eu podia ver se aquilo que estava propondo fazia sentido. Às vezes sim e às vezes não. Mas muitas vezes fiquei sabendo disso depois, pelos depoimentos de ex-alunos que encontro até hoje.

O Curso de Especialização durou 16 anos. Ouso dizer que essa foi uma experiência inovadora. Havia uma estrutura de princípios e uma clareza de propósitos que todos os professores do curso compartilhavam. Mas não havia um programa rígido a ser seguido. Como as pessoas estavam livres para experimentar, penso que muitas coisas boas aconteceram ali.

Hoje posso perceber no âmbito do Ensino da Arte uma configuração que antes não existia. Quando comecei a trabalhar com as narrativas tradicionais as pessoas tiveram dificuldade em compreender o alcance dessa proposição. Até hoje tem gente que diz que não trabalho mais na Área de Ensino e Aprendizagem da Arte, que virei contadora de histórias. Mania de engavetar tudo. Na verdade, gosto de pensar que hoje, há muitos arte educadores que trabalham com contos em suas propostas. Já há uma melhor compreensão da Arte de Contar Histórias como forma de conhecimento, como manifestação artística tão importante quanto Teatro, Dança, Música, Artes Visuais ou qualquer outra forma contemporânea de Arte. Ou seja, que é possível haver aprendizagem dessa Arte como de qualquer outra. E aprendizagem quer dizer: processo de transformação, pesquisa, estudo de repertórios, leituras, reflexão, invenção. Por isso, viva o desengavetamento das disciplinas, a desclassificação das pessoas, a qualificação dos encontros!

Paro para respirar e penso no propósito desse relato. Memórias de uma contadora de

histórias. Releio tudo desde o começo e corto sem pena, muitas passagens e fatos. O que isso pode interessar a alguém que quer refletir sobre a Arte de Contar Histórias? Não sei. Fui encadeando memórias e pensamentos, sempre prestando atenção para não falar demais. É que o ninguém que mora dentro da gente leva um tempão para ser encontrado, parece que é preciso lembrar de tudo que a gente fez, querendo ser alguém, para então descobrir que era só um caminho para perceber que isso não tem a menor importância.

Talvez eu queira dizer finalmente que um contador de histórias se forma aprendendo a escutar constantemente suas perguntas importantes a cada momento de sua trajetória. O contador aprende perguntando para formular uma intenção, o que se dá ao longo da sua vida.

A escuta, até onde consigo entender, é para mim um termo que engloba:

- a escuta de si mesmo - de suas qualidades e dificuldades em suas experiências de narração, de seus sonhos, perplexidades e formulações,
- a escuta dos contos - suas formas, culturas a que pertencem, seus ritmos e estilos, suas palavras e como fazê-las soar e ressoar,
- a escuta dos outros contadores - suas escolhas e descobertas narrativas,
- a escuta dos textos e repertórios - lidos e estudados,
- a escuta das crianças - presentes nas variadas audiências e tudo o mais que

podem nos ensinar em outras ocasiões em que estamos com elas,

- a escuta dos recursos internos e externos - que podem ser utilizados a serviço das palavras de cada conto narrado,
- a escuta do seu corpo como instrumento expressivo - ritmo, respiração e concentração em movimento,
- a escuta de suas possíveis vozes - para perceber por meio de qual delas um determinado conto pede para ser narrado,
- a escuta de suas intenções narrativas - o que o move para escolher seus modos de contar.

O mais importante nesse trajeto me parece ser a constituição lenta e quase sempre silenciosa do espírito da escuta, contando com o exercício da reflexão, da percepção flexível - nada é definitivamente o que parece ser, tudo pode tornar-se, pouco a pouco, uma descoberta surpreendente, contando com o cultivo da paciência do contador - para aceitar que não sabe, para correr o risco de aventurar-se, para rir de si mesmo, para ficar feliz com as próprias descobertas e enganos, para receber críticas como faróis a clarear o caminho, contando com a possibilidade de sonhar – sempre – o que ainda não é, mas pode ser, de entrar em contato com sua intuição, entendida como uma forma pessoal de dialogar com as mais desafiadoras situações de aprendizagem.

Poder compartilhar com outros contadores em situações de trocas de experiências, compartilhando questões que povoam o universo de pesquisas de cada um é, talvez, o tempero mais saboroso e sutil dessa sopa de possibilidades.

Talvez eu queira dizer que as narrativas que de fato importam, costuram o sentido do mundo com fios de uma preciosidade inefável, formando tecidos que quase sempre passam despercebidos por baixo das cidades, dos monumentos, dos mercados, das casas e dos altares que as pessoas fazem e desfazem ao longo da História Humana.

Desde a primeira vez em que conversei com uma dessas histórias milenares percebi um vislumbre desse fio alinhavando o sentido da minha vida, de acordo com um desenho muito antigo, que vem vindo tomando a forma atual do trabalho, que me vejo destinada a fazer, costurando meus encontros com as pessoas e com os mundos em que me foi dado viver.

Escutar e contar são dois em um só aprendizado difícil, belo, arriscado e impossível de ser deixado de lado ou separado do riscado que é meu estar aqui de passagem. Que faço sendo feita, que sirvo sem saber se me serve, que honro querendo me tornar honrada, que ofereço sem que me pertença.

Contar e ouvir histórias é o que me move, como parte de um exercício de aprender a ser uma pessoa melhor, menos barulhenta, menos espalhada à toa, assim, quer dizer, desperdiçada. A vida é muito curta para um desperdício inconsequente, desamoroso.

As histórias me fazem viver a pulsação amorosa da urgência das perguntas sem resposta, da direção desconhecida do pote de ouro que certamente se encontra do outro lado do arco-íris, em algum lugar dentro de mim?

A intenção de compartilhar com os outros esse Bem que o ouvir e contar histórias me faz, participando da transmissão dessa torrente de narrativas que sempre existiu no instante das palavras bem ditas, me direciona, fazendo-me acreditar que ainda não me contaram a história toda. Há muito que escutar ainda. Em silêncio.

São Paulo, 1 de fevereiro de 2018

REFERÊNCIAS

Assis, Machado de. O Espelho: Esboço de uma nova teoria da alma humana.. In: Obra Completa Volume II. **Papéis Avulsos**, p. 345. Rio de Janeiro, Editora Aguilar, 1962.

Barros, Manoel de - Ensaios Fotográficos. In: **Poesia Completa**. São Paulo, Editora Leya, 2010.

Blixen, Karen- A página Branca. In: **Contos de Inverno**. São Paulo, Editora 34, 1993.

Rosa, João Guimarães- **Pirlimpitico**. In: Primeiras Estórias. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.

Regina Machado. Contadora de histórias para adultos e crianças desde 1980. Mestre em Educational Theatre na New York University, com doutoramento na ECA-USP, em 1989. Professora Livre Docente do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP. Autora dos livros *Acordais – Fundamentos Teórico-poéticos da Arte de Contar Histórias*, pela Editora DCL, *O Violino Cigano e Outros Contos de Mulheres Sábias*, pela Cia das Letras, *A Formiga Aurélia e Outros Jeitos de Ver o Mundo e Nasrudin*, pela Cia das Letrinhas, e *Cláudio*

Tozzi, da Série Mestres das Artes no Brasil, pela Editora Moderna. É a criadora e curadora do Encontro Internacional BOCA DO CÉU de Contadores de Histórias.